

AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E A PESQUISA EM EDUCAÇÃO: considerações sobre as representações dos professores formadores no IFAM sobre o conceito de professor reflexivo

Ailton Gonçalves Reis ¹

RESUMO

Defendemos as Representações sociais como uma ferramenta eficaz para os estudos sobre a educação. Assim, o objetivo desse trabalho é apresentar as características que norteiam essas representações e relacioná-las com o estudo feito com treze professores do Instituto Federal do Amazonas (IFAM), como pesquisa de campo para construção de nossa Tese de Doutorado. O referencial teórico teve como base principal as ideias do próprio Serge Moscovici. Os resultados comprovaram, por meio das representações do grupo estudado, a forma que os professores formadores do IFAM tratam e conceituam a abordagem de formação profissional reflexiva, comprovando, assim, a eficiência das representações sociais no estudo de grupos sociais.

Palavras-Chave: Prática Docente. Representações Sociais. Formação de Professores.

INTRODUÇÃO

Partimos do pressuposto que as representações sociais podem ser consideradas uma ferramenta muito eficaz quando se quer estudar um grupo específico, de forma particular para as pesquisas que tenham a escola como objeto de estudo.

As reflexões apresentadas nesse trabalho decorrem de nossos estudos para a construção de Tese de Doutorado, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, sob o título - REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DOS PROFESSORES FORMADORES DO XXXX: Discutindo o Conceito de Professor Reflexivo como Quebra de Paradigma, que procurou entender o conceito de professor reflexivo junto aos professores formadores dos cursos de licenciaturas ofertados naquele Instituto.

Nos limites desse texto, então, como objetivos, no primeiro momento, apresentamos a conceituação de representações sociais, como parte da Psicologia Social², como uma forma especial de estudar o tratamento dado por que um grupo social específico, a relação entre o conhecimento científico e o conhecimento do senso comum e, no segundo momento, como essa Teoria pode ser aplicada nas pesquisas que têm como objeto de estudo a Educação.

¹ Doutor em Educação; professor do Instituto Federal do Amazonas (IFAM); reis.ailton@ifam.edu.br;

²A Psicologia Social é um ramo da psicologia que estuda as relações sociais, a dependência recíproca entre as pessoas e o encontro social. Estas investigações teóricas tornaram-se mais profundas ao longo da II Guerra Mundial, com a contribuição de Kurt Lewin, hoje concebido, por muitos pesquisadores, como o criador da Psicologia Social. Fonte: Infoescola.

METODOLOGIA

O caminho escolhido para a pesquisa de natureza qualitativa foi o estudo de caso, realizamos a análise das contribuições teóricas sobre os temas: educação profissional; formação de professores na e para a educação profissional; formação de professores nos Institutos Federais; professor reflexivo e representações sociais - de modo a compreender: o campo de ideias, os referenciais epistemológicos, o ambiente intelectual/acadêmico onde essas contribuições foram aplicadas e utilizadas.

Ainda respeitando a metodologia adotada, realizamos entrevistas semi-estruturadas com os professores formadores com o intuito de conhecer as representações dos mesmos, sobre a conceituação racionalidade técnica e de professor reflexivo, a partir da própria prática docente de formação.

DESENVOLVIMENTO

Sobre as Representações Sociais

O vocábulo representação traz consigo vários significados, dentre eles de ser um termo na tradição clássica da Filosofia e Psicologia. Porém, foi a partir do termo representações sociais (RS), utilizado, primeiramente, por Serge Moscovici (1925-2014), a partir de seus estudos apresentados em 1961, que o conceito ganhou maior visibilidade.

Moscovici propôs a Teoria das Representações Sociais na obra *A representação social da psicanálise*, na qual mostrou como a Psicanálise, enquanto parte do conhecimento científico, é ressignificada pelo conhecimento do senso comum e vai assumindo vários significados.

Nessa proposta, ele procurou entender as interrelações sujeito/objeto quando se trata da construção do conhecimento, ou seja,

[...] preocupa-se fundamentalmente com a inter-relação (sic) entre sujeito e objeto e como se dá o processo de construção do conhecimento, ao mesmo tempo individual e coletivo na construção das Representações Sociais, um conhecimento do senso comum (CRUSOÉ, 2004, p. 106).

Assim, o autor renunciava uma intenção em redefinir o campo da Psicologia Social a partir do estudo da Psicanálise, enfatizando sua função simbólica e seu poder de construção do real, a partir das representações sociais. Ele lamentava na “[...] tradição behaviorista, o fato de a Psicologia Social ter-se limitado a estudar o indivíduo, o pequeno grupo, as relações não formais, constituíam e continuam constituindo um obstáculo a esse respeito” (MOSCOVICI, 2003, p.14).

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

Para se distanciar dessa característica, Moscovici pesquisou diversos grupos sociais para mostrar a socialização da Psicanálise e conhecer o senso comum sobre essa teoria e sua influência e implicações nesses grupos, pois assim, poderia ser comprovado se o conhecimento percebido estaria ou não vinculado a teoria freudiana ou se, pelo contrário, assumia novos significados.

Alves-Mazzotti (1994) atenta para o fato da importância dada ao Positivismo, às teorias construtivistas e às abordagens qualitativas, o que daria ao trabalho de Moscovici maior importância, chegando a representar uma quebra de paradigma:

[...]; O prestígio alcançado pelas teorias construtivistas e pelas abordagens qualitativas e, mais recentemente, o crescente interesse pelo papel do simbólico na orientação das condutas humanas parecem ter contribuído para abrir espaço ao estudo das representações sociais. De fato, verifica-se que, em anos recentes, um grande número de trabalhos de pesquisa e debates teóricos têm surgido nessa área, podendo-se afirmar que o estudo pioneiro realizado por Moscovici realmente se constituiu em um novo paradigma na Psicologia Social, na medida em que lançou as bases conceituais e metodológicas sobre as quais se desenvolveram as discussões e aprofundamentos posteriores (ALVES-MAZOTTI, 1994, p. 61).

Nesse contexto, a teoria moscovicianiana se afasta do paradigma behaviorista restrito de não considerar a influência social no campo da psicologia, daí o autor atribuir uma maior importância à Psicologia Social, considerando que os fatores sociais influenciam e, até definem, o modo de agir e/ou pensar de determinado grupo.

Segundo Moscovici (2003), as representações sociais entram para nosso mundo comum e cotidiano em primeiro lugar, a partir do que discutimos com os outros e, também, a partir de tudo que é apresentado pela mídia e/ou por qualquer outro meio de comunicação. Assim sendo, uma representação carrega consigo três aspectos indissociáveis: a comunicação, a reconstrução do real e o domínio do mundo.

Esses três aspectos podem ser explicados da seguinte forma: comunicação porque as representações sociais oferecem as pessoas um código para suas trocas e para nomear e classificar as partes de seu mundo, de sua história. Reconstrução do real, porque é na constante dinâmica comunicação-representação que os sujeitos reconstróem a realidade cotidiana e, ao reconstruir a realidade o indivíduo tem o domínio do mundo (SILVA; DIAS; PIMENTA, 2014).

Entre os três aspectos Moscovici dá maior importância à comunicação, pois para ele, o comportamento do sujeito se constitui a partir do conteúdo comunicativo sobre determinado objeto preparando o sujeito para agir sobre a ação. A comunicação entre os indivíduos e entre os grupos sociais então, faz com que circulem muitas informações que resultam em percepções diferentes ou semelhantes sobre certo objeto e é essa mesma comunicação, que possibilita o indivíduo criar ou modificar certas representações de um objeto ou de um fenômeno (MOSCOVICI, 2003).

Nesse contexto, o autor traz para discussão o conhecimento do senso comum que até então era marginalizado, sem importância, se comparado com o conhecimento científico, o qual com o advento do Positivismo, Academicismo e Cientificismo se posicionaram como o único que teria valor. Ele chama atenção para a relação entre o que a ciência produz e como essa produção é utilizada e muitas vezes recriada no meio social.

Dessa forma, quando Moscovici traz para discussão o saber e o fazer do senso comum,

[...] evidencia que tal conhecimento também faz história, muda rumos, constrói culturas, amplia horizontes, sustenta e fornece as condições materiais, até mesmo para grupos privilegiados se apropriarem da ciência. Nesse sentido, a representação social não se embasa em concepção individualista, ao contrário, aponta para a construção social dos sujeitos em determinada sociedade, isto é, os indivíduos pensam, agem, elaboram conceitos, definições, realizam práticas sociais coletivamente (SILVA; DIAS; PIMENTA, 2014, p. 556).

Podemos afirmar então, que pelo fato das RS atuarem na dinâmica entre o conhecimento do senso comum e o conhecimento científico faz com que entendamos o significado dado a determinado fenômeno dado por aquele e compará-lo com o que atesta este último. Quando fazemos essa comparação podemos perceber, então, que o conhecimento do senso comum não apenas nutre o próprio conhecimento científico, como se constitui em uma teoria que pode interferir nas práticas dos sujeitos envolvidos. Dessa forma, as RS não se baseiam em atos individuais, mas sempre em atos coletivos ou como afirma o próprio Moscovici (2003, p. 8): “[...] as representações sustentadas pelas influências sociais da comunicação constituem as realidades de nossas vidas cotidianas e servem como o principal meio para estabelecer as associações com as quais nós nos ligamos uns aos outros”.

Em um conceito mais amplo Moscovici descreve as RS como uma teoria ou ciência coletiva, cujo objetivo é a interpretação e intervenção no real ultrapassando o imediatismo da ciência ou da filosofia na classificação de fatos e eventos. Assim, elas seriam verdadeiras teorias do senso comum que se elaboram coletivamente nas interações sociais, sujeito-sujeito e sujeito-instituição, dentro de um determinado tempo, em uma cultura e espaço próximo, na tentativa de tornar o estranho familiar e dar conta do real (MOSCOVICI, 2003).

Assim, que as RS podem ser classificadas como importantes ferramentas para se estudar e entender o comportamento social de um determinado grupo, pois essa percepção pode indicar todo o comportamento social daquele grupo como um todo, extrapolando assim, o caráter individual e, considerando que nossa pesquisa de campo foi realizada em um grupo social específico, reiteramos, à luz do pensamento moscoviciano que:

[...] as representações sociais não se baseiam em concepção individualista, mas apontam para a construção social dos sujeitos em determinada sociedade, [...]. Não

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

se trata de simples mecanismos, de cópias de impressões individuais, mas de resultado da interação homem e sociedade, em constante reinvenção de situações, conflitos e propostas (SILVA; DIAS; PIMENTA, p. 556, 2014).

Cabe salientar que a representação é sempre uma atribuição da posição que os indivíduos ocupam em determinado grupo social ou na sociedade de forma geral, assim, toda RS é a representação de alguma coisa de alguma pessoa. Considerando ser uma representação ela não é cópia do real, nem cópia do ideal, nem a parte subjetiva do objeto, nem, muito menos, a parte objetiva do sujeito. A representação, então, é o processo pelo qual os indivíduos estabelecem relações entre o mundo e as coisas (SÊGA, 2000).

Farr (1998) enfatiza que a teoria das RS moscoviana ao valorizar o conhecimento do senso comum e a interação do indivíduo com o social, provoca uma quebra, uma ruptura com todos os parâmetros que norteiam a Psicologia Social, o que causou preocupação, resistência e desprestígio. Mesmo assim, ela tem sido muito utilizada para estudar grupos sociais específicos.

As representações sociais, porém, representa apenas um dos caminhos para se entender o comportamento social, pois existem várias maneiras de se estudar a forma e as ideias que determinam o modo de agir e pensar de uma determinada sociedade. Porém, apesar dessa diversidade somente as representações sociais, enquanto parte da psicologia social⁸⁹, poderia dar conta de descrever o poder das ideias nesse processo social (MOSCOVICI, 2003).

Na defesa dessa ideia ele afirma que,

[...] há numerosas ciências que estudam a maneira como as pessoas tratam, distribuem e representam o conhecimento. Mas o estudo de como e, por que, as pessoas partilham o conhecimento e desse modo constituem sua realidade comum, de como eles transformam ideias em prática – numa palavra, o poder das ideias – é o problema específico da psicologia social (MOSCOVICI, 1990, p. 164).

Entretanto, mesmo defendendo esse ramo como a forma mais eficiente para estudar o comportamento social, Moscovici entende que há de se definir uma nova forma de conceber o conhecimento a partir da perspectiva dessa linha da Psicologia, pois o conhecimento não é uma “simples descrição ou uma cópia do estado de coisas” (MOSCOVICI, 2003, p. 8), mas é resultado da produção feita “através da interação e comunicação e sua expressão está sempre ligada aos interesses humanos que estão neles implicadas” (id. *ibid.*, p. 9).

Sobre o Conhecimento na Psicologia Social

O conhecimento a partir do viés da Psicologia Social emerge do cotidiano, da vivência comum entre os indivíduos, seus interesses, desejos, anseios, frustrações, interesses, necessidades, que fazem parte do consenso social assumido por determinada comunidade.

Dessa forma, concordamos com Moscovici, quando descreve que o conhecimento “surge das paixões humanas e, como tal, nunca é desinteressado; ao contrário, ele é sempre produto dum

grupo específico de pessoas que se encontram em circunstâncias específicas, nas quais elas estão engajadas em projetos definidos” (MOSCOVICI, 2003, p. 9). O conhecimento, então, assume o caráter social ao representar as particularidades de um grupo social específico o qual, de forma consensual, constrói um conhecimento a partir das ideias aceitas coletivamente.

Cabe ressaltar que Moscovici não foi o primeiro a estudar as representações. Na verdade, seus estudos foram feitos a partir das representações coletivas apresentadas por Durkheim. No entanto, Moscovici observou que o trabalho apresentado por Durkheim, desconsiderou a relação entre o individual e o coletivo que para ele, se entrelaçam e tal aproximação, de forma nenhuma, pode ser desconsiderada quando estudamos o comportamento social. Não pretendemos apresentar uma comparação minuciosa entre os dois estudiosos, porém entendemos que é importante mostrar alguns aspectos que diferem os dois autores.

Para Moscovici quando Durkheim não considerou a relação entre o individual e o coletivo, seu pensamento tornou-se ambíguo, pois apresentou as representações como sendo uma via de mão dupla que nunca se cruzam, mas caminham em direções opostas.

Nessa ideia durkheimiana o caráter psicológico e o coletivo das representações nunca cruzarão a mesma direção, pois possuem objetivos ambíguos e por isso, não podem ser considerado sob o mesmo viés, Ao contrário de Durkheim, Moscovici buscou mostrar, a partir das representações sociais, que as relações sociais encontram-se entrelaçados por características tanto psicológicas quanto sociológicas e juntas podem explicar, de forma muito mais eficiente, o comportamento social de um grupo.

Vale salientar que não se trata apenas de definir qual das duas ciências merece ser considerada ao se estudar as relações sociais, pois é necessário considerar também, o caráter de movimento que as representações sociais de Moscovici apresentam que podem diferir do caráter estático das representações coletivas de Durkheim. Por isso, podemos afirmar que: “[...] a psicologia social de Moscovici [...], foi constantemente orientada para questões de como as coisas mudam na sociedade, isto é, para aqueles processos sociais, pelos quais a novidade e a mudança, como a conservação e a preservação, se tornam parte da vida social” (MOSCOVICI, 2003, p. 15).

Ainda cabe ressaltar também, que a psicologia social moscoviciano não pretende apenas assumir a característica de variante da psicologia durkheimiana, mas, além disso, pretende estudar de forma profunda a forma pela qual o senso comum, torna-se representação consensual de determinado grupo social. Dessa forma, as representações sociais se caracterizam pela forma dinâmica e não estática, em que são construídas, por isso Moscovici fala em fenômeno e não conceito de representação, como afirmava Durkheim.

Por fim, é importante ressaltar que, enquanto Durkheim apresentava as representações coletivas como formas estáveis⁹¹, de compreensão coletiva e com o poder de obrigar um indivíduo a se comportar dessa ou daquela forma, assim, podendo servir para integrar a sociedade de forma geral, Moscovici está mais preocupado em conhecer a variação e a diversidade das ideias coletivas nas sociedades modernas.

Ao discutir o pensamento científico moderno Moscovici descreveu que esse pensamento está baseado no poder ilimitado dos objetos sobre o indivíduo e não este sobre aquele. Nesse contexto, essa não limitação de poder dos objetos acontece quando o objeto conforma o pensamento e determina completamente sua evolução de interiorização na mente e pela mente (MOSCOVICI, 2003).

Ora se os objetos se sobrepõem aos indivíduos, a Psicologia Social pode assumir o papel de manifestação do pensamento científico e ao estudar o sistema cognitivo ela pressupõe que: “1) os indivíduos normais reagem a fenômenos, pessoas ou acontecimentos do mesmo modo que os cientistas ou os estatísticos, e 2) compreender consiste em processar informações” (MOSCOVICI, 2003, p. 30).

Nesse contexto, todo indivíduo não patológico e independente do conhecimento científico adquirido, percebe o mundo consoante com as suas percepções, ideias e as atribuições, como respostas aos estímulos decorrentes do ambiente físico em que se encontram.

No entanto, para Moscovici, essa forma automática de agir pode resultar em algumas contradições, as quais podem ser comprovadas a partir de alguns fatos:

a) a observação familiar de que nós estamos conscientes de algumas coisas bastante óbvias; de que nós não conseguimos ver o que está diante de nossos olhos – só vemos o que queremos, nesse sentido, podemos falar que existe, sob nossa ótica, uma forma de invisibilidade, a qual é resultado de uma espécie de “fragmentação preestabelecida da realidade, uma classificação das pessoas e coisas que a compreendem, que faz algumas delas visíveis e outras invisíveis; b) nós muitas vezes, percebemos que alguns fatos que nós aceitamos sem discussão, que são básicos e nosso entendimento e comportamento, repentinamente transformam-se em meras ilusões; c) nossas reações aos acontecimentos, nossas respostas aos estímulos, estão relacionados a determinada definição, comum a todos os membros de uma comunidade à qual nós pertencemos (MOSCOVICI, 2003, p. 30-31).

Então, se aceitarmos a percepção automática dos fatos negamos a relação intrínseca da Psicologia Social que relaciona de forma indivisível, o social e o psicológico. Nesse caso, as representações sociais desse grupo poderiam se apresentar, um tanto quanto distorcidas, por não representar o caráter social e o caráter psicológico da representação, mas apenas um deles separadamente.

Moscovici apresenta duas funções básicas para as RS:

a) elas convencionalizam os objetos, pessoas ou acontecimentos que encontram, dando forma definitiva e localizando-as em determinada categoria a qual vai se construindo gradualmente como determinado tipo, distinto e partilhado de um grupo social específico; b) elas são prescritivas, isto é, elas se impõem sobre nós com uma força irresistível, fazendo com que, por meio das convenções, acatemos um modo específico de agir e pensar, próprio do grupo social que estamos inseridos (MOSCOVICI, 2003, p. 35).

Podemos dizer, então, que nosso modo de pensar vai sendo construído, a partir de um sistema complexo processo que inclui tanto as nossas próprias representações quanto aquelas adquiridas a partir da cultura que compartilhamos. Cabe salientar também, que a função prescritiva das RS não é acatada de forma totalmente passiva pelos indivíduos. Ao contrário disso, “elas são re-pensadas, re-citadas e re-apresentadas” (MOSCOVICI, 2003, p. 37) e dessa forma, elas vão assumindo novos significados que podem ou não, ser diferentes daqueles apresentados anteriormente.

Assim, podemos reafirmar que as RS não são criadas isoladamente, mas frutos de uma comunidade específica, como já afirmado. Porém, uma vez criadas, “elas adquirem uma vida própria, circulam, se encontram, se atraem e se repelem e dão oportunidade ao nascimento de outras representações, enquanto velhas representações morrem” (MOSCOVICI, 2003, p. 41).

Nesse contexto, para entender as representações atuais de um determinado grupo é necessário entender àquelas que as originaram. Como por exemplo, coube entender as representações que norteiam a prática racional técnica dos professores nos IF ao longo de sua história e de que forma essas mesmas representações interferem na quebra do paradigma racional técnico para paradigma do professor reflexivo.

Sendo assim, como procuramos entender o pensamento dos professores formadores de professores sobre o conceito de professor reflexivo, a aplicação da teoria das representações sociais junto a esse grupo de professores nos deu uma visão concreta do que esse grupo pensa sobre o conceito.

Na teoria moscoviciano dois conceitos básicos não podem ser desconsiderados, quais sejam: objetivação e ancoragem.

No processo de objetivação acontece uma transformação de um dado conceito ou ideia em alguma coisa mais concreta, isto é, “faz com que se torne real um esquema conceitual, com que se dê a uma imagem uma contrapartida material” (MOSCOVICI, 2003, 89)

Para Jodelet³ (1990), o processo de objetivação pode ser entendido como uma operação imaginante e estruturante que dá corpo aos esquemas conceituais, reabsorvendo o excesso de significações, procedimento necessário ao fluxo das comunicações.

³ Denise Jodelet é a principal colaboradora de Moscovici e assumiu a tarefa de sistematização do campo e contribuiu para o aprofundamento teórico das Representações Sociais. “ex-diretora do Laboratório de Psicologia

Já na ancoragem o indivíduo tenta encaixar o não familiar, o estranho, o diferente, muitas vezes percebido como ameaçador em alguma categoria pré-existente em nosso repertório cognitivo. Esse processo é fundamental em nossa vida cotidiana, pois nos auxilia a enfrentar as dificuldades de compreensão ou conceituação de determinados fenômenos. Não é um processo estático que intervém somente nos momentos de gênese e transformação das representações, mas cria e mantém vivas suas ligações nos sistemas cognitivos.

Representações e Educação

Estudar a Teoria das Representações Sociais (TRS) de Moscovici nos faz olhar para a educação, principalmente pela relação que essa teoria faz entre o conhecimento do senso comum e o conhecimento científico, dado a desconsideração histórica que tem sido dado àquele em relação a este, principalmente se considerarmos o significado dado pela educação ao conhecimento científico.

Porém ao contrário dessa característica, concordamos com a afirmativa de Crusoé (2004), quando explicita a relação intrínseca e indissociável entre esses dois tipos de conhecimentos e como a TRS pode contribuir para estudar essa relação. Para a autora,

[...] essa perspectiva teórica abre importantes possibilidades de estudos da realidade educacional na medida em que aponta para a interdependência entre o conhecimento científico e o conhecimento de senso comum e rompe com a dicotomia entre esses dois tipos de conhecimentos (CRUSOÉ, 2004, p. 105).

Dessa forma, a Teoria das Representações Sociais vem “dar voz” ao conhecimento do senso comum, o qual historicamente tem sido relegado a não-conhecimento, principalmente de pensarmos o meio acadêmico, o que muitas vezes acaba por descaracterizar o caráter social imbricado em todo processo educativo, como já afirmamos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Se pensarmos nos sujeitos que representam, isto é, os professores formadores e no objeto representado, o modelo de formação do professor reflexivo, não podemos desconsiderar todas as condições socioculturais que impactam diretamente essa relação. Dessa forma, foi necessário considerar as percepções e a compreensão que os professores

Social de l'École de Hautes Études em Sciences Sociales de Paris” (MENIN, SHIMIZU; LIMA, 2009, p. 550 – grifo nosso).

formadores no IFAM, fazem daquele modelo formativo, levando em conta o cotidiano educacional que esse grupo está inserido, pois é a partir dele que os professores constroem suas representações sobre o objeto de estudo.

Nesse contexto as ideias dominantes sobre a educação e as ideias sociais que influenciam esse mesmo ambiente, resultaram nesse ou naquele tipo de representação. Por isso, para estudar as representações no IFAM, foi necessário considerar que este ambiente está embebido de representações históricas que vem delineando o modo de ser e agir desse grupo social. Além disso, consideramos também, as representações sociais que foram construídas fora do ambiente educacional, mas que são trazidas pelos indivíduos e, inevitavelmente, influencia o modo como esse processo educativo e, por conseguinte, a prática docente se desenvolve.

Sendo assim, as representações sociais que o grupo de professores pesquisado nos mostrou que há um respeito coletivo ao paradigma racional técnico de formação, do qual apenas uma pequena parte tenta se distanciar, por isso, como exigência da TRS, os professores elaboram ações na tentativa de criar, definir e/ou redefinir as ações que o grupo deve ter para manter o mesmo paradigma que vem sendo utilizado, historicamente, pelos docentes da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica (RFEPT).

Podemos afirmar ainda, que as representações do grupo de professores formadores, apresenta características que confirmam que a TRS pode ser uma ferramenta eficiente para estudar o ambiente escolar, principalmente quando entendemos que as,

[...] representações sociais se apresentam como uma maneira de interpretar e pensar a realidade cotidiana, uma forma de conhecimento da atividade mental desenvolvida pelos indivíduos e pelos grupos para fixar suas posições em relação a situações, eventos, objetivos e comunicações que lhes concernem (SÊGA, 2000, p. 128).

Dessa forma, a questão racional técnica está presente no coletivo dos professores pesquisados, fazendo parte de suas relações, atividades e modo prático de docência, assim como também, no posicionamento favorável para a manutenção desse paradigma, como forma eficaz para formar professores.

Por conseguinte, quando o grupo ancora sua prática docente no paradigma racional técnico, define um processo de enraizamento social da representação social apresentada como seu objeto. Dessa forma, há uma intervenção do social que se traduz na significação e na forma de utilização que são conferidas às representações.

Nesse sentido, as RS do grupo respeitam uma das características da ancoragem, qual seja: “[...] à integração cognitiva do objeto representado no sistema de pensamento

preexistente e às transformações decorrentes” (SÊGA, 2000, p. 130), pois mesmo que as representações do grupo estejam ancoradas no paradigma histórico, elas permitem que o grupo reflita sobre a aceitação de uma nova maneira de racionalização do ensino, que difere, pelo menos, em parte, daquela tradicionalmente aceita.

Essa ancoragem, então, permite a oposição entre o paradigma tradicional e o novo que vai acabar permitindo novas representações, o que pode vir a corroborar com o que afirma o mesmo autor: “[...] o contato entre a novidade e o sistema de representações preexistente é a fonte de duas ordens de fenômenos, de alguma maneira em oposição, que dá às representações a dualidade de serem tanto inovadoras como rígidas (SÊGA, 2000, p. 130).

No entanto, vale salientar que a ancoragem percebida no grupo de professores estudados, mesmo que abra espaço para novas discussões, torna-se rígida no que se refere às mudanças para um novo modelo de formação de professores, como deseja o IFAM por meio dos PPC, reafirmando a premissa básica de que,

[...] para formar o docente, é necessário ensinar um corpo de conhecimentos estabelecidos e legitimados pela ciência e pela cultura, especialmente pelo valor intrínseco que representam. Visto por esse ângulo, o aspecto mais importante do ensino volta-se para a seleção e a organização do conteúdo a ser ensinado, realçando-se seus elementos, suas partes e pré-requisitos. Sendo assim, o conhecimento, tido como puro reflexo dos objetos, se organiza sem a mediação dos sujeitos (SILVA; DIAS; PIMENTA, 2014, p. 563).

Desse modo, o professor é alijado do seu papel ativo no processo educativo. Reitera-se então, o que o histórico da EPT discutido no nosso trabalho de doutoramento, que pressupõe um professor aplicador de teorias pensadas alhures e para essa função deve ser formado, se contrapõe o que se espera dos professores formados nos cursos ofertados pelo IFAM e outros IF.

Entretanto, apesar da suposta rigidez da ancoragem no paradigma de racionalidade técnica, quando alguns professores dentre os pesquisados, indicam a necessidade de se transpor essa racionalidade e buscar novas maneiras de formar professores, respeitando o que objetiva os PPC dos cursos de licenciatura do IFAM e outros IF, que preconizam intenção de formar professores reflexivos, indicam a possibilidade de se buscar novas objetivações para ancoragem das representações do grupo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A tese que norteou nossa pesquisa foi: *não há quebra de paradigma na formação de professores no IFAM*. Essa tese foi sendo construída a partir dos pressupostos apresentados,

os quais indicavam uma possível quebra do paradigma racional técnico de formação, historicamente aplicado no IFAM, para um novo modelo de formação pautado na docência reflexiva a ser aplicado na formação de professores.

Nossos estudos mostraram que formar professores para a Educação Básica, acaba fazendo com que os IF em geral, apresentem algumas incoerências decorrentes da prática dos professores formadores quando articulamos os objetivos e propósitos dos PPC dos cursos de licenciatura. Essas incoerências estão relacionadas com a desvinculação, historicamente aceita, da educação profissional com a educação básica.

Nesse contexto, as representações sociais dos professores formadores, nos obrigam afirmar que os grupo docente estudado ainda ancora suas representações no paradigma racional técnico e, embora alguns assumam a intenção e a necessidade de mudança de paradigma, admitem a dificuldade de se efetivar essa mudança dado as características histórica do IFAM de formação de professores, o que acaba fazendo com que não procurem mudanças na prática.

Assim, podemos afirmar que não há quebra de paradigma, mas uma tentativa de se mesclar uma atuação docente na formação de professores, mas sempre sobressaindo o modelo racional de técnico de formação.

REFERÊNCIAS

ALEXANDRE, Marcos. **Representação Social**: uma genealogia do conceito. Comum - Rio de Janeiro - v.10 - nº 23 - p. 122 a 138 - julho / dezembro 2004. Disponível em: <http://www.sinpro-rio.org.br>. Acesso em: ago. 2013.

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith. REPRESENTAÇÕES SOCIAIS: aspectos teóricos e aplicações à Educação. In: **Em Aberto**, Brasília, ano 14, n.61, jan./mar. 1994. Disponível em: <http://emaberto.inep.gov.br/>. Acesso em: Ago. 2017.

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith. Representações sociais: aspectos teóricos e aplicações à Educação. In: **Revista ML - Múltiplas Leituras**. v. 1. n. 1 (2008), pp. 18-43. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/ML/article/view/1169>. Acesso em: ago. 2013.

CAMPOS, Pedro Humberto F. A abordagem estrutural das relações entre práticas e representações sociais. In: CAMPOS, Pedro Humberto F.; LOUREIRO, Marcos Correa da S. (Org.). **Representações sociais e práticas educativas**. Goiânia: Ed. da UCG, 2003. p. 22-35.

CRUSOÉ, Nilma Margarida de Castro. **REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO PROFESSOR DE MATEMÁTICA SOBRE INTERDISCIPLINARIDADE**. Dissertação (Mestrado). Recife: UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO - CENTRO DE EDUCAÇÃO - PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, 2003.

CRUSOÉ, Nilma Margarida de Castro. **A Teoria das Representações Sociais em Moscovici e sua Importância para a Pesquisa em Educação.** APRENDER – Cad. de Filosofia e Pisc. da Educação – Vitória da Conquista, Ano II, n. 2, p. 105-114, 2004.

FARR, Robert M. Representações Sociais: a teoria e sua história. In: GUARESCHI, Pedrinho.; JOVCHELOVITCH, Sandra. **Textos em representações sociais.** - 5. ed. – Petrópolis: Vozes, 1998.

GILLY, Michel. As representações sociais no campo da educação. In: In: Denise. Jodelet (org.). **As Representações Sociais.** Editora da UERJ, 2001.

JODELET, Denise. **Representações sociais: fenômeno, concepção e teoria.** In: MOSCOVICI, S. (Org.). Psicologia Social. Paris: Presses Universitaires de France, 1990.

MENIN, Maria S. de Stefano; SHIMIZU, Alessandra de M.; LIMA, Claudia Maria de. **A Teoria das Representações Sociais os Estudos Sobre Representações de Professores.** Cadernos de Pesquisa, v. 39, n. 137, p. 549-576, maio/ago, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br>. Acesso em 12 out. 2017.

MOSCOVICI, Serge. **A Representação Social da Psicanálise.** Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

RANGEL, Mary. **A pesquisa de representação social como forma de enfrentamento de problemas socioeducacionais.** Aparecida: Ideias & Letras, 2004.

Reis, Ailton Gonçalves. **Representações sociais dos professores formadores do IFAM: discutindo o conceito de professor reflexivo como quebra de paradigma.** Tese (Doutorado em Educação). Belo Horizonte: Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2017.

RODRIGUES, Jéssica Nascimento; RANGEL, Mary. **A teoria das representações sociais: um esboço sobre um caminho teórico-metodológico no campo da pesquisa em educação.** Inter-Ação, Goiânia, v. 38, n. 3, p. 537-554, set./dez. 2013.

SÁ, Celso Pereira de. Representações Sociais: o conceito e o estado atual da teoria. In: SPINK, M. J. (org.). **O conhecimento no cotidiano.** São Paulo: Brasiliense, 1995, p. 19-57.

SÊGA, Rafael Augustus. **O Conceito de Representação Social nas Obras de Denise Jodelet e Serge Mosocvici.** Anos 90, Porto Alegre, n. 13, julho de 2000. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/anos90/article/view/6719>. Acesso em 10 set. 2017.

SILVA, Rejane Dias da; DIAS, Adelaide Alves; PIMENTA, Sonia de Almeida. **Profissionalidade e formação docente: representações sociais de professores.** Revista Diálogo Educ., Curitiba, v. 14, n. 42, p. 549-568, maio/ago. 2014.